



MEU VIZINHO BATERISTA

Dia 18 de dezembro de 2024, eu e minha família nos mudamos para uma casa nova. Pensamos que nossa rua era calma, como dizia a canção do filme sobre os nossos vizinhos. Logo, começou a tocar bateria no finzinho de uma tarde chuvosa. Meu quarto é ao lado do dele, separado apenas por uma parede de tijolos e cimento. Ou seja, eu ouvia tudo com um som abafado e era como se estivesse tocando dentro da minha casa.

Os dias foram passando, e eu queria sempre ir e vir saindo de casa para ir à escola. Ele era um cara tanto arrogante, mas tinha cara de ser daqueles meninos 'legais/galinha'. Pior, nem sabia tocar bateria. No domingo, fui à igreja e adivinha: ele fazia parte da banda da igreja que eu frequentava, pelo visto não tinha paz nem em um lugar sagrado. Ele tocava de uma forma muito diferente da de casa: tinha um charme, um olhar marcante, ao mesmo tempo que levava para a igreja o que fazia com as outras meninas, o que só confirmava a minha teoria de que era um 'legal/galinha'. No fundo, eu sei que gostava dele, mas meu pai o adorava, pelo simples fato de parecer ter paz interior.

Em um dia específico, meu pai expulsou o baterista que estava fazendo bagunça. Para não estragar a família, resumindo, deu briga... polícia... e desgraça. Eu e ele ficamos sentados lado a lado, do lado de fora de uma sala, esperando nossos pais resolverem. No dia seguinte, nós nos acertamos e ele nunca mais tocou. O silêncio prevaleceu. Eu queria que não. Eu gostava do barulho, sentia que algo faltava. Ao mesmo tempo em que estávamos gratos pelo silêncio, também queríamos poder ouvi-lo novamente.

Decidi que precisava falar com ele, e com o amor que nós sentíamos à primeira vista. Foi aí que fui até a porta dele. Meus dedos estavam trêmulos, e meu coração a mil. Senti uma gota de suor escorrer pela minha testa, devia ser o nervosismo. Até que, de repente, ouvi o barulho de passos caminhando sobre o vinil. Ficou cada vez mais próximo. Vi a maçaneta se mexer e a porta se abriu. Ele apareceu todo arrumado e exalando perfume. Ele me encarou por um tempo e disse: 'Você é uma das pessoas mais fofas e geniais, sem ser sua boca.'

Ele estava indo à igreja. Só consegui me despedir. 'Sabe aquela dita de: "não julgue o livro pela capa"? Então, sempre julgue o livro pela capa!'"

Sophia Barbieri Rocha

8º ano / Itajaí - Centro

2025